

observações demonstraram que o movimento de luta dos docentes das IFETs vem sendo assimilado, por meio da Reforma da Educação Profissional, e suas reivindicações devolvidas de forma (re)funcionalizada. Por outro lado, verificou-se que o acúmulo organizativo gerado a partir dessas lutas expressa-se nas relações informais entre os docentes. Ou seja, nas próprias contradições presentes na prática educativa, encontram-se os germens da construção de *relações sociais de tipo novo*.

DIAS, Deise de Souza. *Jovem Aluno Trabalhador Do Ensino Médio: Articulação Entre Trabalho E Educação*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2000 (Dissertação de Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Eloisa Helena Santos

Este estudo constitui uma análise da articulação que os jovens alunos trabalhadores estabelecem entre trabalho e educação. A coleta de dados foi realizada em uma escola pública, em Belo Horizonte, junto a alunos trabalhadores do ensino médio noturno, do curso profissionalizante de Processamento de Dados e do curso Científico, de formação geral. Destaco a escola e o trabalho enquanto espaços que contribuem para a formação desses jovens, sem, no entanto, desconhecer as contribuições dos demais espaços nos quais eles estão inseridos. Para perceber a subjetividade presente no processo de trabalho, trato-o a partir da sua dimensão concreta. A escola, por sua vez, é abordada como espaço sócio-cultural. Procuro a dinâmica cotidiana nesses espaços, indo além das determinações sociais e enfatizando a experiência dos alunos. Discuto o conceito de experiência para destacar a vivência dos alunos trabalhadores, considerando as suas especificidades enquanto jovens. A análise indica que o trabalho configura-se como uma necessidade para os jovens, aparecendo muito precocemente em suas vidas. Mas, apesar de terem que trabalhar, os jovens, sujeitos desta pesquisa, permaneceram estudando. Na atualidade, eles têm se deparado com as grandes transformações pelas quais passa a sociedade, que afetam o mundo do trabalho e fazem demandas à educação, para que ela forme o

trabalhador dentro do perfil desejado pelo empresariado. Ainda que o capital pretenda a completa dominação dos trabalhadores, eles conseguem escapar a ela. No processo de conciliação trabalho/escola, os jovens, ainda que também façam “uso de si” pelos outros, deparam-se com a possibilidade de fazerem “uso de si” por si mesmos. Assim, eles colocam em trabalho o saber, através da articulação, em si mesmos, de ambas as atividades.